

PENSAR A RELAÇÃO DO PATRIMÔNIO E A MEMÓRIA NA PANDEMIA: QUAL MEMÓRIA?

XI Seminário Internacional de Memória e Patrimônio, 11ª edição, de 26/10/2021 a 29/10/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-75-3

FARIA; Marlon Teixeira de¹

RESUMO

A atualidade traz a tona debates importantes sobre as reflexões patrimoniais e suas relações para com a sociedade neste contexto pandêmico. Tempo, espaço, memória e poder se entrelaçam numa análise que tem a culminância nas abordagens sobre os monumentos, ainda preservados. O tema dessa pesquisa é resultado de revisões bibliográficas desenvolvidas (e ainda em andamento) no Mestrado construídas por meio da indagação '*qual memória temos direito*'. Em sua estruturação fora produzido uma reflexão que veio a atentar para a estruturação de instituições que discutem sobre políticas patrimoniais, com foco no SPHAN, e sua importância na construção de um campo do saber, Foucault (2020). Essa instituição, de acordo com Chuva (2017), teve papel importante no que se refere a assuntos relacionados ao tema da identidade brasileira, na busca de sua brasilidade. Em busca de ampliar o entendimento, considerando o contexto histórico, foram agregadas as contribuições de Reis (2007) e Cavalcanti (1999), visto que, segundo os autores, pensar a identidade nesse contexto, década de 1930, faz-se preciso considerando as relações nem sempre harmoniosas entre os diferentes segmentos da sociedade. Nesse sentido, "o patrimônio revela e vela valores e interesses e é sobretudo, um campo de lutas." (VELOSO, 2006, p. 440). Com isso foi possível compreender que as escritas alinham-se com as reflexões de Le Goff (2003), quando este expõe em seus escritos que, perpassando os campo de dados/documentos, monumentos não são criados aleatoriamente ou de forma espontânea. Entende-se então que propor uma análise sobre o patrimônio faz com que seja preciso compreender que em sua materialidade e imaterialidade marcas do passado de conflitos de interesses são presentes. A perpetuação da memória, nesse sentido, assume importante parte da preocupação. Segundo Rüsen (2009), "A memória torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna parte essencial da orientação cultural da vida presente". Agora a pesquisa abre-se a pensar a questão do lugar. Segundo Correa (2013) um local não é neutro, expressa a intencionalidade de um determinado grupo em sua construção. Os monumentos, então, não devem ser vistos apenas pela ótica da materialidade, há um contexto que traz uma gama de interesses, de grupos e de um tempo e o lugar onde é colocado/construído expressa certa pretensão. Entende-se que o que é construído é feito para ser visto/observado. Dessa forma, então, o ato de manter determinado monumentos significa preservar (e manter) uma memória, de um grupo e, como consequência, fazer com que ele continue passando uma mensagem, o que leva a necessidade de uma abordagem que busque a contextualização de sua historicidade.

Referências

¹ Universidade Estadual de Goiás, marlon.hist.inf@gmail.com

CAVALCANTE, Lauro. Modernistas, Arquitetura e Patrimônio. In: PANDOLFI, Dulce (Org). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

CHUVA, Márcia. **Os arquitetos da memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, Política e Espaço. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Geografia Cultural**: uma antologia, volume 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil 1**: De Varnhagen a FHC. 9ª ed. amp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado**: questões relevantes de meta-história. Revista História da Historiografia. Volume 2, nº 2, p. 163-209, março de 2009.

VELOSO, Marisa. **O fetiche do patrimônio**. Habitus – Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 4, n.1, p. 437-454, jan./jun. 2006.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio, Memória, Monumento